

A doutrina da justificação entre tradição e inovação: uma leitura do Castelo Forte no horizonte da missão luterana

The doctrine of justification between tradition and innovation: a reading of Castelo Forte on the horizon of Lutheran mission

Jefferson Zeferino¹⁴³

Docente no PPGCR da PUC-Campinas

Resumo: A recepção estética da Reforma se deu de forma marcante por meio da música. A hinologia desenvolvida pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) apresenta alguns hinos compostos por Lutero. Entre eles, destaca-se o hino 97 do hinário *Hinos do Povo de Deus*, comumente conhecido como *Castelo Forte*. Considerando o apoio teórico de Paul Ricoeur sobre a dinâmica interface entre tradição e inovação, por meio de análise bibliográfica e documental, objetiva-se ler o *Castelo Forte* em relação com a doutrina da justificação no horizonte da discussão atual sobre a missão na IECLB. O texto apresenta algumas notas a respeito da reflexão da IECLB sobre suas metas missionárias, com especial atenção para o lugar da música em seu planejamento missionário; com base em estudiosos do luteranismo, situa a relação entre o Castelo Forte e a doutrina da justificação; por fim, oferece pistas para se pensar a missão luterana à luz de uma teologia que combine cruz, graça e esperança. Consequentemente, compreende-se que o planejamento missionário da IECLB possui como tarefa conjugar tradição e inovação de modo a encontrar saídas arejadas para sua organização comunitária e testemunho público.

Palavras-chave: Lutero. Música. Castelo Forte. Doutrina da justificação. Missão.

Recebido em: 10 jul. 2025 Aprovado em: 13 set. 2025

¹⁴³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Doutor em Teologia (PUCPR) e graduação em Teologia e em História. Email: jeff.habeck@gmail.com

Abstract: The Reformation was received aesthetically in a remarkable way through music. The hymnology developed by the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil (IECLB) includes hymns written by Luther. One such hymn is hymn 97 of the hymnal ‘Hinos do Povo de Deus’ (Hymns of the People of God), commonly known as ‘Castelo Forte’ (A Mighty Fortress is our God). Drawing on Paul Ricoeur’s theoretical framework of the dynamic relationship between tradition and innovation, this study aims to analyse Castelo Forte in relation to the doctrine of justification within the current discussion on mission within the IECLB, through bibliographic and documentary analysis. The text provides notes on the IECLB’s reflections on its missionary goals, paying particular attention to the role of music in its missionary planning. Based on the work of Lutheran scholars, it explores the relationship between ‘Castelo Forte’ and the doctrine of justification, offering insights into the Lutheran mission in light of a theology combining the cross, grace, and hope. Consequently, it is evident that the IECLB’s missionary planning must combine tradition and innovation to develop novel approaches to community organisation and public witness.

Keywords: Luther. Music. A Mighty Fortress is our God. Doctrine of Justification. Mission.

Considerações iniciais

O mote assumido pela tradição protestante de uma Igreja sempre em reforma, demonstra uma contínua necessidade de atualização eclesial e do pensamento teológico diante de novas perguntas e contextos. Uma das formas de tradução dessa tarefa de inovação se expressa no modo como as igrejas compreendem a sua missão.

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), isso acontece programaticamente por meio de seu planejamento missionário. Em outubro de 2024, em Brasília, a IECLB, em seu trigésimo quarto Concílio, estabeleceu metas missionárias para o período 2025-2030. Seu enfoque está “no fortalecimento da Igreja e seu compromisso com a vida, a paz, a justiça e a integridade da Criação” (Genz; Sasse, 2025, p. 3).

Como exercício de recepção de seu planejamento missionário e à luz da herança teológica e musical do luteranismo¹⁴⁴, o presente estudo busca pensar a tarefa da IECLB de equilíbrio entre tradição e inovação. Para Paul Ricoeur (1995), a tradição faz par com a inovação para que seja uma transmissão viva, por exemplo, de falas, crenças e normas. Uma leitura nova e plural de eventos fundadores e de narrativas do passado coincide com a tarefa constante de reinterpretar a tradição. Tal base teórica é corroborada pelas palavras de Jerry Pillay, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, em pregação no referido Concílio da IECLB: “A Igreja não deve ser rebaixada a uma instituição histórica, mas ser uma fé viva e vibrante. Não somos chamados a ser um museu, mas um movimento. Um movimento por Cristo, enquanto buscamos cumprir a missão de Deus no mundo!” (Pillay, 2025, p. 7-8).

Não raro, a tradição luterana é identificada com a doutrina da justificação pela graça por meio da fé (Tillich, 2010). Ao mesmo tempo, ao se perguntar a pessoas luteranas sobre aspectos que compõem seu conjunto identitário, a relação com a música não tarda a ser evocada. Dado um passo adiante, o *Castelo Forte*, hino composto por Lutero, logo será lembrado como marcante da construção dessa subjetividade luterana. Considerando esse pano de fundo, o estudo ora apresentado objetiva examinar o par tradição-inovação por meio da reflexão a respeito da relação entre a doutrina da justificação e o Castelo Forte, com a discussão atual da IECLB sobre sua missão.

1 Notas sobre a missão na IECLB

Entre os documentos que balizam a compreensão da IECLB sobre a missão, estão seu plano de ação missionária, comumente conhecido como PAMI (IECLB, 2008), e suas metas missionárias, sendo as mais recentes aquelas previstas para o período que vai de 2025 a 2030 (IECLB, 2025).

O planejamento missionário da IECLB está sintetizado em duas metas: “fortalecer a vitalidade comunitária e o crescimento integral da Igreja” e “fortalecer a incidência do testemunho público da Igreja” (IECLB, 2025, p. 12). Ambas as metas estão correlacionadas com as prioridades missionárias escolhidas pela Igreja e às suas áreas de atuação, a saber:

¹⁴⁴ Vale indicar que o presente texto não se inscreve nos estudos de música. Sua inserção é limitada à problematização a respeito da doutrina da justificação e em alusão ao espaço significativo que a música ocupa na tradição luterana. Ligados ao luteranismo, para uma abordagem mais especializada sobre a música, recomendam-se, entre outros, “Church music through the lens of performance” (Steuernagel, 2021); “Lutero e a música: paradigmas de louvor” (Schalk, 2006) “Música e igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar” (Ewald, 2010); “Música Sacra Protestante no Brasil” (Ewald, 2008).

<i>Prioridade missionária</i>	<i>Descrição</i>	<i>Áreas de atuação</i>
Missão	“Uma Igreja que proclama o Evangelho através da evangelização, comunhão, liturgia e diaconia”	“Fortalecimento da vitalidade de Comunidades; criação de novas Comunidades; cultos e celebrações; música; celebrações especiais; evangelização; missão em metrópoles”.
Formação	“Uma Igreja que capacita as pessoas em todas as fases da vida e em suas diferentes funções para viverem e testemunharem a sua fé”	“Crianças; adolescentes; jovens; pessoas adultas; pessoas idosas, formação Ministério com Ordenação; formação de lideranças de grupos e programas; formação de liderança de Presbitérios, Diretorias e Conselhos; formação funcional”.
Diaconia	“Uma Igreja diaconal que promove a justiça e a reconciliação”	“Diaconia comunitária; Rede de Diaconia; Capelarias e Pastorais; justiça de gênero; justiça socioambiental; justiça socioeconômica; justiça étnico-racial; ecumenismo; diálogo inter-religioso”.
Governança, gestão e comunicação	“Uma Igreja ágil e eficaz na governança, gestão e comunicação”	“Governança; planejamento missionário; fé, gratidão e compromisso; recursos para a Missão; comunicação”.

Fonte: Elaborado com base em IECLB (2025, p. 13).

Efetivamente, tais prioridades missionárias buscam estar coerentes com a história da instituição, mas também com desafios novos e bem concretos. O aspecto da gestão e governança, por exemplo, passa pela necessidade de pensar e repensar modelos de presença luterana nas cidades, com a finalidade de promover uma saúde financeira que garanta as estruturas necessárias para a vida comunitária e para ações de missão e serviço (IECLB, 2025, p. 44-45).

A dimensão do serviço, por sua vez, para além do âmbito prático de ações diaconais, possui uma função problematizadora e atenta às questões concretas da vida pública, gerando reflexão e atuação em áreas como a justiça

de gênero, socioambiental, socioeconômica e étnico-racial. Soma-se a isso o consolidado perfil ecumênico da IECLB que se expressa em nível institucional e que se amplia, inclusive, para o âmbito do diálogo com outras religiões. A diaconia, muitas vezes, é espaço privilegiado de convergência ética entre diferentes modos de expressão da fé (IECLB, 2025, p. 33-41).

No que concerne à formação, a IECLB (2025, p. 21-32) demonstra uma preocupação intergeracional, voltada para diferentes fases da vida e considerando diferentes tipos de participação, como aquela exercida por presbíteros/as, ministros/as e lideranças locais. A necessidade de multiplicação e de maior acessibilidade de ofertas de formação, por sua vez, coaduna-se com a tarefa de ampliação da formação teológica da membresia e das lideranças. Um sólido percurso teológico qualifica a vida comunitária em todas as esferas. Todavia, cabe enfatizar que a Igreja conhecida pela sua ênfase na palavra e no estudo, ainda possui um caminho longo a percorrer na formação de lideranças, de modo que promova cada vez mais senso crítico e estimule um maior acúmulo de repertório intelectual e cultural.

O crescimento e fortalecimento das comunidades é prioritário no planejamento da missão da IECLB (2025, p. 14-20). No horizonte está a busca por alternativas de organização eclesial e ministerial que, de modo contextualizado, fomentem saídas arejadas – embasadas em pesquisas estatísticas, modelos de gestão e de reflexão teológica – para sua vida comunitária e incidência pública. Em consonância com sua tradição teológica e com a presença luterana conforme construída no Brasil e em outros países, parece pertinente destacar que seu perfil de evangelização não é proselitista, mas, sobretudo, de serviço e de acolhida. Em suas celebrações, tais anseios se traduzem em uma liturgia significativa, pregações consistentes, formação homilética qualificada, na valorização da música e no desenvolvimento de celebrações especiais que dialogam com diferentes momentos da jornada de vida das pessoas.

Ainda no âmbito da missão, um outro aspecto que têm recebido atenta dedicação de lideranças da IECLB (2025, p. 20) é a área de atuação designada como “missão em metrópoles”. O tema tem sido refletido em diferentes instâncias. No Sínodo Sudeste, por exemplo, sob liderança do Pastor Sinodal Marcos J. Ebeling e da Pastora Sandra K. Tehzy, constituiu-se um grupo de trabalho com encontros periódicos de formação online e presencial. Entre os assessores ouvidos pela equipe estiveram os pastores Rolf Schünemann, Rodolfo Gaede Neto e Rudolf von Sinner. Com efeito, a presença de cada um deles remete a uma preocupação de se pensar o futuro da igreja considerando

seriamente seu histórico, sua atuação diaconal e a relação entre teologia e vida pública (Sínodo Sudeste, 2025).

A relação entre missão e formação como prioridades missionárias da IECLB encontra na música uma relevante interface confessional. A música é reconhecida como uma área de atuação da missão e “instrumento privilegiado para a comunicação do Evangelho”. Com isso, a IECLB se propõe a investir na formação de musicistas e a incentivar a ampliação do espaço musical nas comunidades de fé (IECLB, 2025, p. 17).

No PAMI, a música é situada sob a reflexão a respeito da liturgia. Neste âmbito, o culto é apresentado como um lugar em que Deus, em seu amor à igreja e ao mundo, quer se encontrar com o humano (IECLB, 2008, p. 51-53). Afirma o documento:

Os elementos litúrgicos, o modo como nos acomodamos no espaço do templo e os gestos que fazemos precisam contribuir para que cada participante sinta e entenda o amor de Deus. Nesse contexto, também a música tem um papel importante como expressão de fé e manifestação de nossa confessionalidade. Ela é um modo de externarmos nossa gratidão e louvor e também de traduzirmos o evangelho para a cultura na qual estamos inseridos como comunidade cristã. Em suma, o culto, em sua liturgia, simbologia, música e sacramentos, deve proporcionar a experiência de que ali o Deus amoroso está querendo nos encontrar (IECLB, 2008, p. 54).

Outra passagem do PAMI (IECLB, 2008, p. 58-59) que faz menção à música se relaciona com a educação cristã. Entre suas orientações, o documento fala sobre a capacidade criativa das pessoas e sobre a música, ao lado de outras atividades artísticas, como caminho de desenvolvimento e descoberta. Isto está em consonância com a orientação da promoção de uma educação que envolve todos os sentidos, passando pelo corpo todo, valorizando cheiros, cores, texturas, sons e sabores.

2 Tradição, música e justificação

A teologia da Reforma recebeu destacada atenção na última década em virtude de seu jubileu de 500 anos. Também Lutero tem recebido renovada atenção, como bem ilustra o documento *Do Conflito à Comunhão*, preparado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade Cristã e pela Federação Luterana Mundial (2015; Maçaneiro; Zeferino; Lourenço, 2018). A ênfase na

justificação pela graça por meio da fé é central em sua teologia e, como se pretende demonstrar por meio de uma leitura do *Castelo Forte*, está presente também em sua hinologia.

Como biblista, a relação de Lutero com o texto sagrado da fé cristã é fundamental na construção de seu pensamento. Na Dieta de Worms, por exemplo, ele não aceita ser convencido por outras fontes ou por autoridades eclesiais. Efetivamente, sua teologia carrega uma humildade diante da tradição bíblica uma vez que percebe inviável o esgotamento de seu sentido. Ainda assim, o reformador assume uma chave de leitura que julga ser central, a saber, a justificação por graça e fé. Para ele, tal descoberta teológica reposiciona a leitura de toda Bíblia e o encontro com um Deus que não está contra o ser humano, mas a favor do ser humano (*pro nobis*) em Jesus Cristo. No seu trabalho de tradução, Lutero buscou aproximar a linguagem do texto bíblico daquela falada pelas pessoas comuns e, como se sabe, os avanços da imprensa facilitaram a divulgação de seus escritos (Altmann, 2016, p. 126-130; Wachholz, 2010, p. 108).

A leitura bíblica de Lutero, portanto, organizava-se ao redor de uma perspectiva cristocêntrica, buscando encontrar aquilo que promove a Cristo (*was Christum treibet*). Ao mesmo tempo, Lutero não se fixava apenas ao caráter literalista do texto, entendendo que o *Deus absconditus* sempre ultrapassa aquilo que está revelado (Wachholz, 2010, p. 112). Tal compreensão permite que Lutero não torne a Bíblia em um absoluto e compreenda que a ação do Espírito Santo e a proclamação viva do Evangelho se tornam decisivas na atualização do texto bíblico (Altmann, 2016, p. 130-131).

Em sua hinologia, a força libertadora da justificação pela graça por meio da fé também encontra ressonância. O número 97 do hinário *Hinos do Povo de Deus* é marcante para a tradição luterana em terras brasileiras. Com composição de Lutero, o *Castelo Forte* ecoa como aspecto identitário do luteranismo brasileiro: “O mais conhecido dos corais de Martim Lutero é *Ein Feste Burg ist unser Gott* (Um Castelo Forte é o Nosso Deus) [...]; o texto é uma paráfrase do Salmo 46, cujo tema é a confiança em Deus: Deus é nosso refúgio e fortaleza...” (Creutzberg, 2012)¹⁴⁵.

Apresenta-se, abaixo, a versão cantada na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) junto com aquela traduzida por Ilson Kayser e que está bastante próxima do original alemão:

¹⁴⁵ A página do comentário ao hino 97 não oferece autoria, porém, ele encontra-se sob o projeto da Hinopédia Evangélica Luterana realizada pelo Pastor Leonhard Creutzberg.

HPD - 97	Tradução de Ilson Kayser
<p>Deus é castelo forte e bom, defesa e armamento. Assiste-nos com sua mão, na dor e no tormento. O rei infernal das trevas do mal, com todo o poder e astúcia quer vencer: Igual não há na terra.</p>	<p>Castelo firme é nosso Deus, boa defesa e armamento, Ele nos livra de toda a aflição que agora nos atingiu. O velho malvado inimigo agora investe para valer, grande poder e muita astúcia são seu cruel armamento, sobre a terra não existe igual a ele.</p>
<p>A minha força nada faz, sozinho estou perdido. Um homem a vitória traz, por Deus foi escolhido. Quem trouxe esta luz? Foi Cristo Jesus, o eterno Senhor, outro não tem vigor; triunfará na luta.</p>	<p>Com nossa força nada alcançaremos logo estaremos perdidos. Por nós luta o homem certo, Que o próprio Deus escolheu. Perguntas quem é ele? Seu nome é Jesus Cristo, o Senhor Zebaote e não há outro Deus. Ele há de vencer.</p>
<p>Se inúmeros demônios vêm, querendo exterminar-nos: Sem medo estamos, pois não têm poder de superar-nos. Pois o rei do mal, de força infernal, não dominará; Já condenado está por uma só palavra.</p>	<p>Ainda que o mundo estivesse cheio de demônios e nos quisesse devorar, não nos apavoraremos demais, pois venceremos apesar de tudo. O príncipe deste mundo, por mais raivoso que ele se apresente, nada nos fará, isso porque já está julgado, uma palavrinha pode derrubá-lo.</p>
<p>O Verbo eterno vencerá as hostes da maldade. As armas o Senhor nos dá: Espírito, Verdade. Se a morte eu sofrer, se os bens eu perder: que tudo se vá! Jesus conosco está. Seu Reino é nossa herança!</p>	<p>A Palavra eles têm de deixar de pé mesmo que não o queiram. Ele está agindo entre nós com seu Espírito e dons. Se [nos] tirarem o corpo, bens, honra, filhos e esposa, que se vá! Isso não lhes traz nenhum proveito, o Reino mesmo assim há de ser nosso.</p>

Fonte: Elaborado com base em HPD – Lutero (1521?) e Dreher (2001).

Por meio de uma linguagem que faz uso de imagens belicosas, algo não atípico no pensamento da época e em escritos de Lutero, o hino fala sobre aflição, esperança, sofrimento e fé. Reflete, assim, sobre a confiança em Deus

em meio às provações e ao sofrimento. Reconhece a pequenez humana e a fé em Jesus Cristo como o defensor da vida humana e que traz a luz. Propaga a esperança de que o mal está vencido e condenado, não podendo exercer domínio sobre a vida das pessoas. Enfatiza a confiança total em Deus, assumindo a possibilidade de que a pessoa de fé enfrente sofrimentos, mas conta com uma vitória final e com a herança do Reino de Deus.

Sobre a origem da composição, uma das possibilidades históricas¹⁴⁶ evocadas é o contexto da Dieta de Worms:

Podemos imaginar Lutero contemplando os muros do castelo de Wartburg nos dias que antecederam seu julgamento em Worms (1521). Sua confiança estava em Deus. Ele sabia que Satanás era o seu grande Inimigo; seu defensor era Jesus. Os adversários procuravam prendê-lo e matá-lo; a Palavra de Deus tinha poder para salvá-lo. Nada – ódio, ofensa, morte – poderia atingi-lo, porque o Reino de Deus é eterno! Lutero cria que o hino tinha poder para transmitir substância teológica (CREUTZBERG, 2012).

Desde cedo este hino figurou entre os hinários protestantes oriundos da tradição da Reforma (Creutzberg, 2012)¹⁴⁷. O hino, efetivamente, está ligado ao Salmo 46 (Creutzberg, 2012; Altmann, 2013; Dreher, 2001). Para Altmann (2013), o Salmo 46 “serviu de base para o reformador Martin Lutero compor

¹⁴⁶ Algumas das possibilidades históricas sobre a gênese do hino são as seguintes: “1. numa noite de abril de 1521, preparando-se para obedecer à intimação pelo imperador Carlos V de comparecer perante o parlamento em Worms, onde defendeu suas obras teológicas; tendo saído de Wartburg e passado a noite com os Agostinianos na fortaleza Marienberg, em Wurzburg, próxima do rio Meno; o papa Leão X tinha inscrito o nome de Lutero na lista dos hereges, banindo-o da Igreja Católica; 2. algum tempo depois de 1521, lembrando-se do julgamento em Worms; 3. em 1527, quando sofreu sua primeira crise renal; 4. em outubro de 1527, por ocasião do décimo aniversário da afixação das Noventa e Cinco Teses na porta da capela do castelo em Wittenberg; 5. em 1527, quando soube da execução de crentes reformados em Bruxelas; 6. em 1529, por ocasião da invasão turca do Ocidente” (Creutzberg, 2012).

¹⁴⁷ Outro aceno histórico interessante é a ocasião em que: “Em 19 de abril de 1529, as autoridades alemãs que adotavam as ideias de Lutero apresentaram, ao parlamento reunido em Espira, um protesto (daí o apelido Protestantes) contra as medidas legislativas referentes à liberdade de culto, que significavam séria ameaça à Reforma. Neste ambiente crítico, deprimidos, mas inspirados pelo Salmo 46, os crentes cantaram o hino de Lutero” (Creutzberg, 2012).

seu mais famoso hino, a saber: Castelo Forte”, manifestando uma “confiança incondicional na ação misericordiosa e salvífica de Deus”.

Martin Dreher, sobre a relação do Salmo 46 com o *Castelo Forte*, escreve:

Em Dia da Reforma, muito provavelmente, o hino de Lutero Deus é castelo forte e bom ou Castelo forte é nosso Deus seja mais conhecido do que o original: o Salmo 46. Há, porém, aspectos semelhantes aos dois textos. Para nenhum dos dois conseguimos precisar quando terão sido compostos. Isso também faz com que os possamos ler e cantar nas mais diversas situações. Nos dois, o elemento mítico se faz presente. E, em épocas de crise, pelas quais sempre de novo passamos, o mito fundante é auxílio muito importante. Quando perdemos o mito fundante, não sabemos de onde estamos vindo nem para onde vamos. Somos infelizes. Felicidade, bem-aventurança, porém, é fundamental à fé (Dreher, 2001).

O hino remete à experiência de um Deus que se manifesta como consolo, com o qual se pode estabelecer uma relação de confiança. Há, aí, uma sensibilidade de um desvelamento mais profundo de sentido de vida ligada a uma vivência de reverência ao mistério da existência. Chama a atenção que o Deus-castigo, experimentado por Lutero em sua crise existencial é superado pela noção de um Deus gracioso e misericordioso (doutrina da justificação).

Sobre a relação do reformador com a música, informa Dreher (2001) que ela sempre esteve presente em sua trajetória:

Na escola de Mansfeld, Lutero cantou no coral infantil que acompanhava a missa. Também em Magdeburgo e Eisenach participou de coros. O estudo da música foi continuado na Universidade de Erfurt, pois era disciplina integrante das Artes liberais. Enquanto se recuperava de ferimento, aprendeu a tocar alaúde e a compor, sem professor. Foi autodidata. Quando monge, Lutero aprendeu o canto gregoriano. Sua ordem, a Agostiniana Eremita, levava a música muito a sério (Dreher, 2001).

Além disso, explica Dreher (2001) que, “quando tocava, Lutero valia-se do alaúde, mas também tocava a flauta transversa. Pelo que podemos

constatar a partir de suas melodias, era tenor”. A prolífica produção musical de Lutero, o aproximava da figura de Davi, como compositor de salmos. A capacidade poética também está presente na obra de Lutero. Com efeito, sua sensibilidade artística corresponde à sua profunda sensibilidade para o contexto em que vivia e pelas demandas de seu tempo. Exemplifica isso o hino que compôs em 1523 em razão do martírio de luteranos em Bruxelas. Indica Dreher (2001) que “a composição deste hino parece haver levado Lutero a descobrir sua veia poética. Sempre é bom lembrar que contava, então, já com 40 anos. Seu segundo hino, Cristãos, alegres jubilai, provocou toda uma explosão hinológica”, que está relacionada a seus estudos sobre os Salmos.

O *Castelo Forte*, considerado por Dreher (2001) “o hino mais conhecido de Lutero”, é também aquele que possui grande dificuldade de datação. De acordo com o historiador luterano o hino pode ter tomado espaço de 1521 até 1528. Fato é que “o hino foi publicado em hinário, editado em Wittenberg, em 1528. Isso significa que deve ter sido composto antes desta data” (Dreher, 2001).

Em continuidade com Dreher, afirma Walter Altmann:

Deus é castelo forte – esse é, sem dúvida, o mais conhecido dos hinos de Lutero. Cantado em todo o mundo, sua influência vai muito além do luteranismo. Ele se tornou uma espécie de “hino nacional”, identificador do próprio protestantismo como um todo. Também é entoado em celebrações ecumênicas, e lembro de tê-lo ouvido ser cantado com entusiasmo e até orgulho em uma grande igreja pentecostal do Chile. Aquela comunidade identificava-se com esse hino como expressão de sua própria experiência (de vitória sobre os demônios, dos quais nós já secularizados nada mais queremos saber?!). Bem impressionante e até comovedor, mas com quanta razão o hino exerce esses papéis? (Altmann, 2010, p. 325).

O comentário de Altmann reflete a relação identitária que há entre o hino e as comunidades de fé que o entoam. Apesar dessa relevância, “não sabemos quando Lutero compôs o hino. Com toda a certeza, não foi para expressar qualquer orgulho denominacional ou confessional, tampouco como hino de vitória em qualquer competição religiosa a testar a eficácia da fé”. O autor apresenta a hipótese de que o hino “tenha sido composto quando

Wittenberg, em 1527, enfrentava a terrível ameaça da peste”¹⁴⁸. Apesar do desconhecimento da origem do texto, seu conteúdo, para Altmann, é claro: trata-se de “um hino de confiança em Deus e de consolo em toda e qualquer tentação e tribulação, enfermidade, flagelo natural, catástrofes, guerras, angústias mil”. Isto é, o *Castelo Forte*, e o Salmo 46, apontam para a “confiança em Deus em face de toda e qualquer adversidade” (Altmann, 2010, p. 325).

Corroborando esta hermenêutica da confiança a própria interpretação de Lutero do Salmo 46:

Cantamos o salmo para louvor de Deus, por estar conosco e por preservar maravilhosamente sua palavra e a cristandade contra as portas do inferno, contra o furor de todos os demônios, dos entusiastas, do mundo, da carne, dos pecados, da morte etc. Nosso pequenino poço também há de permanecer fonte viva, enquanto seus pântanos, banhados e águas paradas apodrecerão, exalarão mau cheiro e hão de secar (Lutero apud Altmann, 2010, p. 326).

Contudo, a confiança a qual Lutero aponta com seu hino não é ingênua, nem toma por base apenas uma confiança que leva à prosperidade. Destaca Altmann: “Podemos nós assumir como nosso quando na quarta estrofe cantamos: ‘Se a morte eu sofrer, se os bens eu perder: que tudo se vá?’ (O original alemão é ainda mais chocante ao mencionar ‘corpo, bens, honra, filhos e mulher’)”. Com isso, se percebe que “Lutero não ignora a dura realidade das tentações, do sofrimento, do mal e da morte” (Altmann, 2010, p. 326). O hino de Lutero compreende que apesar do mal é possível construir uma espiritualidade de confiança e gratuidade (Altmann, 2010, p. 327).

Ênfase é dada na “segunda estrofe [que] leva-nos ao âmago da redescoberta do evangelho por Lutero: *A minha força nada faz, sozinho estou perdido*”. Trata-se de uma clara referência à doutrina da justificação. Explica Altmann:

Aqui se reflete a experiência que o próprio Lutero fez: por mais que se esforçasse em alcançar a salvação, nem sua consciência tampouco seu coração obtinham descanso. Não a obtemos por boas obras, sejam elas de benemerência, ações

¹⁴⁸ Para uma leitura crítica da postura de igrejas no contexto da pandemia com referência à atuação de Lutero no combate da peste em seu tempo, ver “Pandemic Religion in Brazil – Temptation and Responsibility” (Sinner; Zeferino, 2022).

de autodisciplina, ainda nossa espiritualidade e suas orações. O inimigo é por demais poderoso (Altmann, 2010, p. 327).

Esta realidade de desespero explicitada por Lutero é superada pela salvação:

A salvação nos vem tão somente de Deus. Com essa certeza, podemos encarar a realidade em toda a sua aterradora dimensão, o que ocorre na terceira estrofe. Se todo o mundo estivesse tomado por “mil demônios”, querendo devorar-nos, já nada poderia nos atemorizar. Satanás não tem mais nenhum poder, uma única palavra de Deus há de destruí-lo. Conforme o original, basta para Jesus Cristo uma “palavrinha” só (Altmann, 2010, p. 327).

Cantar que “*O Verbo eterno vencerá as hostes da maldade. As armas, o Senhor nos dá: Espírito, Verdade*” significa uma grande confiança na ação de Deus. Com isso, destaca Altmann, “no horizonte final, não importa o que nos acontecer; mesmo se perdermos tudo quanto, depois de Deus, nos é mais importante, estaremos em seu reino de esperança, justiça e paz”. Dito de outra forma, o hino estabelece a ideia de que “mais cedo ou mais tarde, seja em forma dramática, seja tranquila e natural, nos defrontaremos com o ‘último inimigo’” (ALTMANN, 2010, p. 328). A morte, entendia Lutero, também será superada. O hino aponta que a esperança está em Deus como refúgio e fortaleza, pois as forças humanas são limitadas diante das ameaças da vida. Altmann resume sua leitura do hino da seguinte forma:

com boa razão, o hino *Deus é castelo forte* recebeu o lugar de destaque na espiritualidade das igrejas da Reforma, com alcance ecumênico até. Mas não porque devesse ser celebrado como um hino de vitória do protestantismo, mas por expressar bem a centralidade da obra de salvação de Deus em Cristo em nosso favor. Por nos consolar na tribulação. Quando nos reconhecemos impotentes, Deus está ao nosso lado. Nele podemos confiar, sempre, em todas as circunstâncias, as mais dramáticas que sejam e, por fim, em face da morte. “Seu Reino é nossa herança” (Altmann, 2010, p. 329-330).

A partir das reflexões de Altmann e Dreher, é possível inferir que, no *Castelo Forte*, Lutero musicaliza a doutrina da justificação e expressa confiança em um Deus que atua na história humana com graça e misericórdia. A força libertadora da doutrina da justificação está na compreensão de uma existência que não está alheia ao sofrimento, mas o compreende como parte da vida. Nesse sentido, o hino também remete à teologia da cruz. Assim, sem negligenciar as adversidades, a morte, o luto e a dor, a teologia luterana descansa sua confiança em um Deus presente (*pro nobis*) e que, por meio do símbolo da ressurreição, inspira a pessoa cristã a encontrar vida e esperança mesmo diante de tribulações¹⁴⁹.

Considerações finais: música e missão entre tradição e inovação

O par tradição-inovação dispensa uma imagem idealizada ou congelada do passado. As identidades, em sua dinamicidade, atualizam-se por meio de entrelaçamentos sociais que permitem trocas de memória, narrativas, hospitalidade e ação. A leitura plural de um evento fundador não o anula ou relativiza, pelo contrário, busca fazer jus à sua inesgotável riqueza e o desemaranha de um infundável ciclo de repetição estéril (Ricoeur, 1995).

O recurso à Reforma e a Lutero, portanto, evoca uma tradição a ser honrada em sua capacidade de renovação. Assim como a leitura bíblica propagada por Lutero promoveu uma redescoberta da graça, a força libertadora da doutrina da justificação, em sua vivência comunitária e na missão da igreja, jaz em sua capacidade de comunicar nova vida, consolo e esperança.

A transmissão viva da fé inova justamente ao concentrar-se no humano. Nesse sentido David Tracy (1981) oferece pistas bastante interessantes ao dizer que um clássico, assim o é, por revelar ao humano algo de sua própria humanidade. Ao cantar o *Castelo Forte*, a pessoa de fé sente corporalmente a memória de sua pertença confessional, traduz a doutrina da justificação em termos bastante concretos e entra em contato com sua própria humanidade. A vivência de uma enfermidade, o cuidado de pessoas que estejam passando por um momento de vulnerabilidade, o luto, o medo, a angústia – são todas experiências que fazem ressoar uma teologia da cruz que não negligencia o sofrimento humano, mas se identifica com ele no martírio e na dor. Ao mesmo tempo, o hino evoca uma teologia da graça ao apresentar um Deus *pro nobis* em quem se pode confiar e descansar.

¹⁴⁹ Vítor Westhelle desenvolve de modo consistente tal balanço entre a cruz e a ressurreição em sua obra “O Deus escandaloso” (Westhelle, 2008).

À luz da doutrina da justificação, o hino, cantado ainda hoje de modo bastante vívido nas comunidades luteranas, remete à graça de Deus em Jesus Cristo como a grande esperança de cristãs e cristãos, assumindo o sofrimento e as adversidades cotidianas como parte da vida. Desse modo, o hino reflete a tradição luterana de não negligenciar nem mercantilizar o sofrimento e a graça. Reconhecidos os limites de sua linguagem guerreira, o hino segue perfazendo o imaginário luterano e reforçando o acento cristológico da pregação protestante.

A missão da IECLB, como em sua ênfase atual nos contextos metropolitanos, pode haurir dessa tradição de valorização da vida e reflexão séria a respeito das agruras da existência humana por meio de uma missão encarnada e acolhedora, oferecendo espaços seguros de cuidado e de gratuidade em que as pessoas se sintam abraçadas pelo corpo de Cristo (a Igreja) em meio às suas dores. A música, nesse contexto, compõe um quadro maior de pertença, espiritualidade e celebração comunitária em que as pessoas podem se sentir encontradas e amadas.

A teologia luterana é reconhecida pela seriedade com a qual trata as ambiguidades da vida humana (*simul iustus et peccator*) (Sinner, 2012) e não negligencia o sofrimento. Permanece a tarefa para a Igreja luterana de pensar sua missão à luz de uma teologia que combine cruz, graça e esperança como caminho de expressão de amor ativo no serviço à vida comunitária e em seu testemunho público por meio do engajamento com a luta pela justiça social, econômica, de gênero, socioambiental e étnico-racial – como preconizam seus documentos.

Referências

ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. 2. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2016.

ALTMANN, Walter. *Palavra a seu tempo*. Prédicas, alocações e estudos bíblicos. SOUZA, M. (Org.). São Leopoldo/São Bento do Sul: Oikos/União Cristã, 2010.

ALTMANN, Walter. *Salmo 46.1-7*. Auxílio Homilético. 31 out., 2013. (proclamar libertação xxxvii). Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/salmo-46-1-7-dia-da-reforma>. Acesso 16 mar., 2025.

CREUTZBERG, Leonhard. *Deus é castelo forte e bom*. Comentário e Reflexão. 29 de junho, 2012. Disponível em:

<https://legado.luteranos.com.br/conteudo/deus-e-castelo-forte-e-bom-1>.

Acesso 16 mar., 2025.

DREHER, Martin. *Salmos 46.1-7 (1-11)*. Auxílio homilético. 31 out., 2001. Disponível em: <https://legado.luteranos.com.br/conteudo/salmos-46-1-7-1-11>. Acesso 16 mar., 2025.

EWALD, Werner et al. *Música e igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. Porto Alegre: IECLB, 2010.

EWALD, Werner. Música Sacra Protestante no Brasil. In: Fernando B. Filho; José Carlos de Souza; Nelson Kilpp. (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. 1ªed. São Paulo: ASTE, 2008, v., p. 699-703.

GENZ, Sílvia; SASSE, Adelino. Apresentação. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Metas Missionárias 2025-2030*. Do atendimento e da manutenção para o crescimento integral. Porto Alegre: IECLB, 2025, p. 3-4.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Metas Missionárias 2025-2030*. Do atendimento e da manutenção para o crescimento integral. Porto Alegre: IECLB, 2025.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. Organizado por Homero Severo Pinto. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

LUTERO, Martin. *Deus é castelo forte e bom*. 25 de maio de 1521. Disponível em: <https://legado.luteranos.com.br/conteudo/deus-e-castelo-forte-e-bom>. Acesso 16 mar., 2025.

MAÇANEIRO, Marcial; ZEFERINO, Jefferson; LOURENÇO, Vitor Hugo. O testemunho da graça no contexto da comemoração da Reforma: perspectivas práticas do diálogo católico-luterano. *Estudos Teológicos*, v. 58, n. 2, p. 407-422, 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v58i2.3113>.

PILLAY, Jerry. A Igreja que Deus nos chama a ser. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Metas Missionárias 2025-2030*. Do atendimento e da manutenção para o crescimento integral. Porto Alegre: IECLB, 2025, p. 6-9.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão*:

Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade. Brasília, São Leopoldo: CNBB, Sinodal, 2015.

RICOEUR, Paul. Reflections on a new ethos for Europe. *Philosophy and Social Criticism*, v. 21, n. 5/6, p. 3-13, 1995.

SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2006.

SINNER, Rudolf von. *The Churches and Democracy in Brazil: Towards a Public Theology Focused on Citizenship*. Eugene: Wipf & Stock, 2012.

SÍNODO SUDESTE – IECLB. *Boletim Semanal*. Nº 970 – 31 ago., a 06 set., 2025. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/wp-content/uploads/2025/09/Boletim-Semanal-Sinodo-Sudeste-IECLB-no-970.pdf>. Acesso em: 12 set., 2025.

STEUERNAGEL, Marcell Silva. *Church Music Through the Lens of Performance*. London, New York: Routledge, 2021.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Aste, 2010.

WACHHOLZ, Wilhelm. *História e teologia da reforma: introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2008.